

O SÉCULO ILUSTRADO

Nº 1897 DE 18-5-71

**POR QUE
NÃO FOMOS
EXPULSOS
DE MACAU**

**A POSSE
DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

Agente secreto espanhol
revelou em 1972

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

**COMO
MATARAM
HUMBERTO
DELGADO**



**O ULTRAMAR
EM QUESTÃO**



FOR AVIAO: ANGOLA. 17550 - MOÇAMBIQUE 208000

Agente secreto espanhol
revelou em 1972

Como mataram Humberto Delgado

por CORRADO INCERTI

O homem que, por conta dos serviços secretos espanhóis, investigou todas as etapas da viagem do general Humberto Delgado para a morte afirma possuir provas de que o líder da oposição portuguesa foi friamente enviado para a emboscada de Badajoz por uma conjura tramada em Roma.

A entrevista que publicamos em rigoroso exclusivo foi tornada pública em Itália, em Outubro de 1972, pelo jornalista do "L'Europeo" Corrado Incerti, o mesmo que se deslocou a Portugal para relatar para aquela revista de Milão os acontecimentos de 25 de Abril. Consideramo-la um documento de excepcional interesse para o esclarecimento de um dos mais tristes "casos" da nossa história.

Pelo homem que trabalhou para os serviços secretos espanhóis são feitas revelações de extrema gravidade. Entre elas a de que o director da extinta D. G. S. esteve pessoalmente envolvido no caso, tendo sido no carro dele que Delgado foi morto com uma coronhada.

Sem comentários, apresentamos a seguir o texto integral da entrevista.

"Sim, é verdade, posso revelar como mataram Delgado. Sabem quem ele era, não é assim? Indiscutível chefe da oposição a Salazar, desapareceu em circunstâncias misteriosas em 13 de Fevereiro de 1965, quando se encontrava numa missão secreta, e também misteriosa, em Badajoz, Espanha, a um tiro de espingarda da fronteira portuguesa. Hoje, pelo assassinio de Delgado e da sua secretária, o juiz italiano Occorsio pediu o envio a tribunal de um português que vive em Roma e conseguiu, em parte, reconstruir toda a história; mas como não lhe foi possível investigar dentro do território espanhol nem interrogar testemunhas directamente relacionadas com o caso, o inquérito, nessas circunstâncias, é forçosamente muito imperfeito. O que falta nesse inquérito revelo-o eu, agora. Como agente secreto espanhol, investiguei todo o caso Delgado, podendo explicar como morreu, quem o matou e quem o enviou para a armadilha montada em Badajoz. Porque o faço, pergunta-me? Também lhe explicarei isso."

Quem assim fala é Luis Manuel Gonzales-Mata, em Outubro de 1972, dirigindo-se a um jornalista de L'Europeo. Gonzales-Mata, um homem de aspecto tranquilo, de fato azul-escuro, camisa branca e uma discreta gravata de homem de

negócios, rosto bronzado de asturiano, revela em pormenor os acontecimentos que o levaram a tomar contacto com o caso Delgado. Aborrecido por anos de um trabalho de Polícia Secreta (um trabalho como os outros — afirma — que se sente rotineiro e monótono), vai agora falar por motivos que, por paradoxais que pareçam, se podem definir como "sindicais": pretende que sejam reconhecidos os seus direitos de trabalhador, quer que o Governo que serviu lhe conceda garantias especiais, quer que lhe seja permitido voltar a São Domingos, onde há tantos anos o esperam a mulher e as duas filhas. Os outros trabalhadores têm, para conseguir satisfazer as suas exigências, a arma das greves, mas o agente secreto Gonzales-Mata tem a arma da revelação de factos. Conto a história toda — diz — para que ela aproveite a quem quiser e faça dela o que quiser, e para que resolvam os meus problemas.

— Como procedeu, para saber a verdade sobre o caso Delgado?

— Depois da guerra, emigrei da Espanha para São Domingos, onde me tornei chefe dos serviços secretos de Trujillo. Mas, logo após a morte de Trujillo, fui forçado a fugir de São Domingos, pois descobri quem tinham sido os homens que o mandaram matar. Eram gente poderosíssima, faziam parte do Conselho do Estado. Voltei para Espanha e comecei a trabalhar para os serviços secretos do país onde nascera. Mandaram-me em missão para a Argélia.

— Senhor Gonzales-Mata, começamos a aproximar-nos de Delgado. Foi o senhor o homem que a Espanha mandou para a Argélia. Isso foi em 1963, precisamente no ano em que o general Humberto Delgado deixou o Brasil e instalou na Argélia o comando da Junta Revolucionária Portuguesa.

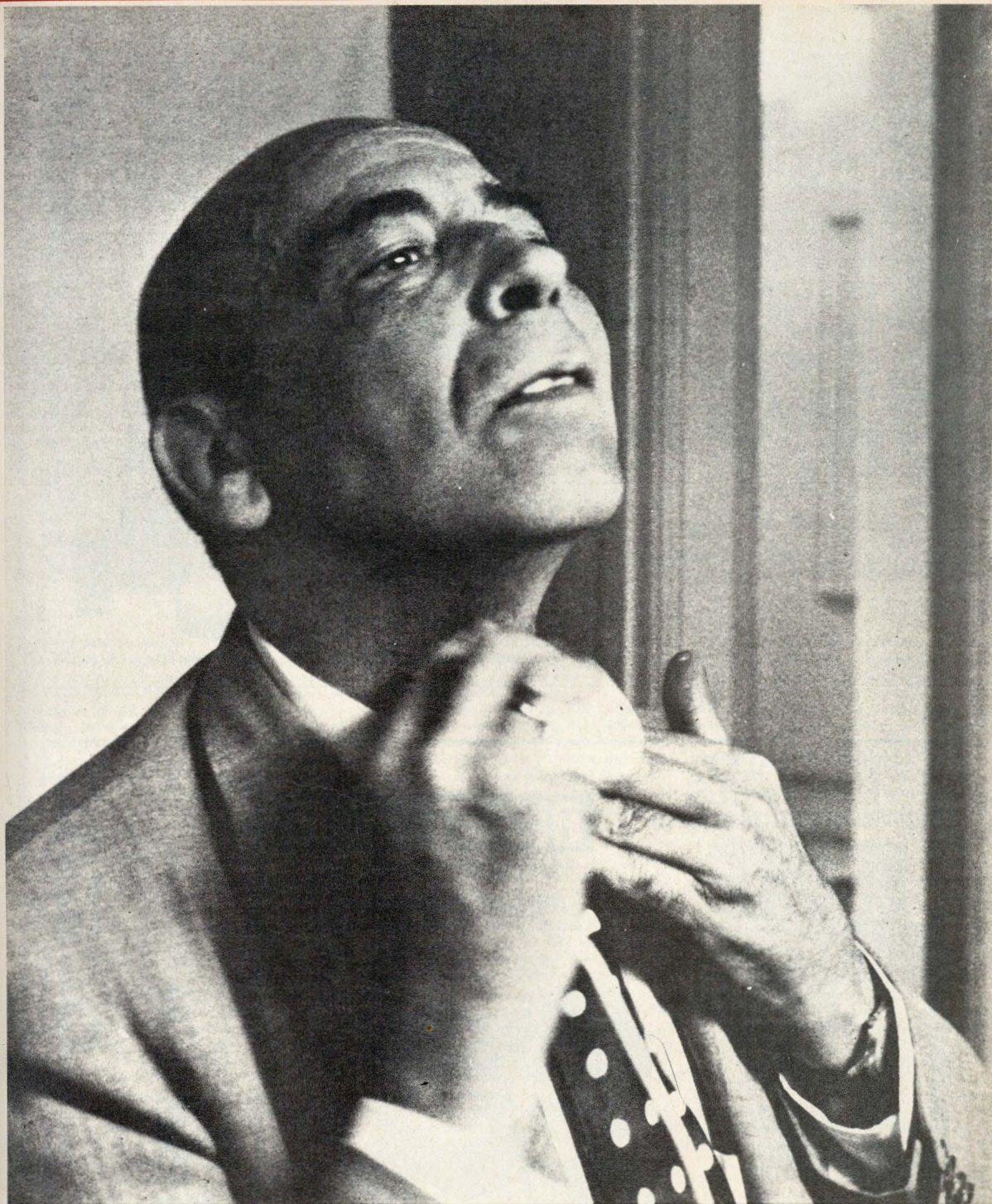
— Ben Bella tinha um sonho: transformar-se no patrono de todos os movimentos de libertação, africanos e europeus, financiando os respectivos dirigentes. Hospedar dois movimentos europeus era para ele uma honra. No fim de 1963, na Argélia, instalaram-se o general Delgado (na residência,

nacionalizada, que fora de Ricard, o dos aperitivos) e o general Perea, vindo do México para chefiar a III República espanhola no exílio. Perea era um homem a quem eu deveria vigiar. Munido de falsos atestados de revolucionário sul-americano, consegui aproximar-me dele, ganhar a sua confiança, pelo que, nos primeiros meses de 1964, fui nomeado coronel do estado-maior da III República. Fiz a vida de revolucionário, que era uma vida dourada, porque na realidade os dois movimentos agiam muito pouco, com ligações mínimas com o interior de Portugal e da Espanha, sendo apenas constituídos por chefes sem tropas, vivendo, até devido à mentalidade militar dos dois chefes, de reuniões, recepções, protocolo e conferências de imprensa.

Mandava regularmente informações para Espanha. Porém, subitamente, o mecanismo avariou-se, pois o serviço secreto argelino descobriu a minha verdadeira identidade e Ben Bella atirou-me para uma cadeia, por onze meses. O adido militar espanhol, Valério Ramon, que era o meu elo de ligação, foi expulso do país. Fiquei na prisão, acusado de espionagem a favor de Franco. Não sofri torturas físicas, mas submeteram-me a interrogatórios duríssimos. E não foi nada agradável permanecer, durante onze meses, até ao fim de 1964, numa cela de dois metros por dois metros e meio, iluminada, dia e noite, por luz artificial.

— E Delgado?

— Um momento. No fim de 1964, os argelinos meteram-me num avião para Palma de Maiorca, de onde segui para Madrid. Fui imediatamente pedir explicações aos meus chefes. Quem me traía? Ninguém sabia. Contudo, deram-me o dinheiro que me deviam e concederam-me umas longas férias. Passei os primeiros meses de 1965 em França, a descansar. Em 13 de Fevereiro desapareceu, em Badajoz, o general Humberto Delgado e em 24 de Abril apareceu o seu corpo, o da secretária brasileira, Arajarir Moreira Campos, e, oficialmente, um terceiro corpo, de um desconhecido, que foram



O general Humberto Delgado pouco antes de partir para Espanha, para o seu trágico destino. Delgado desapareceu em Badajoz, na fronteira entre a Espanha e Portugal, em 13 de Fevereiro de 1965. O seu corpo foi descoberto dois meses depois. Delgado tinha então 58 anos



O local, em Villanueva del Fresno, perto de Badajoz, onde foram descobertos, por dois rapazes, os corpos semi-sepultados de Humberto Delgado e da sua secretária. Delgado entrara em Espanha munido de um passaporte falso, proveniente de Casablanca e Ceuta

encontrados sepultados num canal ãe montanha, junto da aldeia de Villanueva del Fresno, a três quilómetros da fronteira portuguesa. A oposição portuguesa, na Europa, acusou abertamente os regimes de Salazar e de Franco, enquanto a Imprensa europeia das direitas e o Governo de Lisboa acusaram os comunistas. Delgado, chefe da oposição, estivera durante algum tempo ligado a eles. Porém, meses antes, afastara-se: como Delgado nunca fora comunista, diziam que tinham sido eles que o tinham morto.

— E quem foi?

— Foi a P. I. D. E., a Polícia portuguesa. Madrid chamou-me, interrompendo-me as férias, pois o Governo espanhol era acusado de cumplicidade no assassinato de Delgado e precisava de se defender. Eu conhecia bem Delgado e o mundo da oposição ibérica na Argélia, pelo que devia investigar, passo a passo, os últimos movimentos do general, saber as pessoas que o tinham visto, saber em que reuniões ele se encontrava, na Europa, saber com quem tinha encontro marcado em Badajoz. No mais breve espaço de tempo possível, a Polícia espanhola queria ter elementos suficientes para ir a Lisboa mostrar que nada tinha a ver com aquele assunto. E o mundo deveria ser informado.

— O mundo soube qualquer coisa. O P. M. Occorsio levou a tribunal o prof. Mário de Carvalho, que vivia em Roma desde 1948, por haver convencido Delgado a dirigir-se a Badajoz, onde encontraria influentes personalidades políticas e militares portuguesas, prontas para a revolução. Na realidade, em Badajoz, Delgado encontrou apenas sicários da P. I. D. E. Isto foi o que concluiu a sentença preparatória.

— E é verdade, mas faltam muitas provas. Isso sei eu. Sei quem foram as ligações de Carvalho em

Roma, sei com quem Delgado se avistou, na reunião de Paris, sei quem o foi buscar ao hotel Semancas, de Badajoz, como o mataram e porquê...

— Avancemos com ordem...

— É justo. Façamos a história de Delgado e a pouco e pouco darei as provas que eu, então agente secreto espanhol, consegui recolher. Durante dezenas de anos, Delgado foi um fidelíssimo de Salazar: oficial de Aviação no início da sua carreira, atinge mais tarde os postos mais altos do Estado-Maior, sendo depois representante de Portugal na O. N. U. e director da aviação civil. Em 1957, rompe com o ditador: o ponto de atrito foram as colónias africanas, que, para Delgado, eram estorvo inútil e, para Salazar, eram a flor do império. Em 1958, o general apresentou-se às eleições para a Presidência da República, contra o candidato de Salazar, Américo Tomás. "É preciso derrubar Salazar e dar ao País a liberdade na democracia", grita à multidão, num comício. De repente, Delgado transformou-se no campeão da democracia, numas eleições perdidas (houve quem falasse de fraude), e transforma-se no inimigo número um do regime. Em 1959, executa o seu primeiro acto espectacular: pede asilo político na Embaixada do Brasil. O asilo é-lhe concedido e vai viver para São Paulo, onde se considera Presidente de Portugal, no exílio, o verdadeiro Presidente, porque, afirma, as eleições tinham sido falsificadas.

Mas o Brasil fica longe, é difícil guiar a oposição dali. O clamoroso desvio do transatlântico "Santa Maria", em 1961, pouco acrescenta à causa portuguesa, e a rebelião de Beja, no Sul de Portugal, em 1962, dirigida pessoalmente por Delgado, que entrara clandestinamente no País, demonstra apenas a absoluta falta de bases da sua "revolução". Na Argélia, a sua acção torna-se

um pouco mais orgânica e os contactos com outras organizações da oposição portuguesa, em particular as de Paris, são frutuozos. Todos os opositores, de todas as fés políticas, liberais, socialistas, comunistas e católicos, bloqueados desde sempre pela falta de um líder de relevo que seja também um farol para quem vivia no interior de Portugal, vêem nele o chefe ideal. Mas Delgado é um militar, a revolução, para ele, só é conhecida através de um golpe de Estado, e além disso é velho, tem quase 60 anos e não tem uma boa saúde. Quer apressar-se. Politizar as massas, dar-lhes uma consciência revolucionária, são tudo acções que sente e aprova, mas que no fundo considera estéreis, mortas à nascença. Mas quais massas? Delgado sabe bem ao que a longa ditadura de Salazar reduzira Portugal, sepultado no anacrónico sonho imperial, de décenios de censura e de afastamento do povo das acções políticas.

Delgado prefere as acções concretas e assim liga-se cada vez mais com a ala romana da oposição, com o professor Mário de Carvalho, com quem já estava em contacto, desde os tempos do Brasil, contacto apenas epistolar, mas que, na Argélia se toma mais profundo. Eu próprio, numa recepção de fim de ano, em 31 de Dezembro de 1963, oferecida por Ben Bella a todos os "Governos no exílio" que financiava, vi Delgado com Mário de Carvalho. A armadilha estava preparada há muito tempo, pelo que eu estava convencido que iria funcionar mais cedo do que realmente aconteceu.

— E o que provocou essa demora?

— A saúde de Delgado. O general tinha necessidade de ser operado ao fígado e, assim, em 1964 e sob um nome falso, foi operado numa clínica de Praga. Mas a convalescença foi complicada, a ferida não fechava e Roma pediu



Funcionários da Polícia espanhola observam o preciso local onde foi encontrado, abatido com uma pancada na cabeça, Humberto Delgado. Não longe dali, descobriram-se três outros corpos, o da secretária e de dois homens, um holandês e um não identificado

ajuda a Mário de Carvalho. Este, através do seu amigo médico, doutor Ernesto Bisogno, agora morto, fê-lo operar de novo pelo professor Valdoni.

— Isso são coisas sabidas.

— Sim, mas durante este período romano, Mário de Carvalho conseguiu convencer Delgado que a linha romântica dos opositores de Paris era sem esperança, que eram necessários contactos a alto nível no interior de Portugal, e que ele tinha esses contactos: militares, altas personalidades civis, gente influente, estavam prontos para a rebelião. Bastava apenas aperfeiçoar os planos e esperar-se por ele, o chefe, o líder, o general Delgado. Foi um trabalho subtil, bem conduzido, posso dizê-lo pelo meu ponto de vista, porque em seguida Delgado não mais deu valor aos opositores de Paris, nem escutou os seus repetidos avisos de prudência.

— Esse foi o primeiro acto da armadilha, um trabalho psicológico, na mente do general. Mas a operação quando se desencadeou?

— No Natal de 1964. A armadilha fora preparada em Roma, mas desencadeou-se em Paris. Delgado convoca a Paris todos os chefes da oposição portuguesa, Cerqueira, que agia em Rabat, Guerreiro, que dirigia a ala Francesa, e Mário de Carvalho, que vai a Paris acompanhado pelo doutor Bisogno, um homem ligado à extrema-direita italiana, que não se entende muito bem porque se encontrava ligado aos revolucionários. O objectivo da reunião era a discussão de um plano: dirigir-se à fronteira hispano-portuguesa para se encontrar com os

homens que agiriam no interior do País e combinar com eles os últimos detalhes da "revolução". Tratava-se do plano de Mário de Carvalho, que os outros consideram como demasiado perigoso. Mas, na realidade, Delgado estava já pronto para actuar e a discussão colectiva era apenas formal. Tanto assim era que Delgado, simultaneamente com as reuniões no hotel Saint-Martin, participava noutras no hotel Etats Unis, em que se encontrava com Carvalho, Bisogno e duas misteriosas personagens, uma das quais ida expressamente de Portugal. O meu trabalho começou aí, em Paris. Quem foram essas duas misteriosas personagens?

— Quem foram, senhor Gonzales-Mata?

— Oficialmente, e há sete anos e meio, sabe-se que uma delas era um advogado de Lisboa, Castro e Sousa. Portugal retorquiu que em Lisboa não existia nenhum advogado Castro e Sousa. Um nome falso, talvez? Certamente. Ajudado por colegas do serviço secreto francês, descobri a verdadeira identidade daquele homem: foi a primeira prova da documentação que depois atirámos à cara dos portugueses. O falso advogado era na realidade Eduardo da Silva, chefe dos serviços secretos da P. I. D. E. (1) Descobri-o de um modo muito simples, através de uma verificação dos desembarques dos voos Lisboa-Paris, no aeroporto de Orly.

— Mas porque é que Eduardo da Silva viajou sob o seu nome verdadeiro?

— Era a maneira mais simples. Porque é que deveria esconder a identidade à Polícia francesa? Bastava escondê-la de Delgado, pois que com

certeza um emigrado político português não tinha possibilidade de investigar os desembarques no aeroporto de Orly. Mas o serviço secreto espanhol, esse sim, podia. Esse Eduardo da Silva não deve ter calculado isso ou nem pensou no assunto. Com ele, nos encontros de Paris, encontrava-se Fernando Campos de Araújo, "adido naval" de Portugal, em Paris, que hoje creio que se tornou almirante. Porquê um militar de alta patente, pergunta-me? Porque as dúvidas de Delgado caíam todas sobre a eficiência da rede "revolucionária" que Mário de Carvalho lhe descrevera. Delgado compreendia a necessidade de um encontro junto da fronteira portuguesa, compreendia que não era possível a reunião, em Paris, de personalidades portuguesas, civis e militares, com influência, sem que se levantassem suspeitas, mas antes de se dirigir a Badajoz queria ter uma ideia precisa sobre o nível e importância dos golpistas. Um alto oficial era o que procurava.

Campos de Araújo mostrou-lhe cartas, mapas, programas de deslocamentos de tropas, centros de rebelião. Tratava-se da linguagem mais familiar para Delgado, que acreditou em toda a história. Percebe-se também os motivos porque o falso Castro e Sousa e Campos de Araújo não queriam encontrar-se com os opositores de Paris: há demasiados agentes da P. I. D. E. em Paris, arriscavam-se a estragar tudo, a fazer prender muita gente em Portugal, se fossem "descobertos". Era verdade, só que a P. I. D. E. eram eles. O encontro

(Continua na pág. 29)

(Continuado da pág. 26)

foi marcado para Badajoz, Mário de Carvalho estabelecerá os contactos e também se encontraria "com os outros" nessa cidade espanhola.

— Mas não foi lá.

— Não. Apresentando motivos que, desde o início, fizeram desconfiar os outros opositonistas: não tinha o passaporte em regra, a Polícia italiana prendeu-o em Ventimiglia (vinha de Roma) mas insistindo, pudera passar e, por fim, disse que tinha medo de uma armadilha. Como? ! Mas se fora ele o animador da operação, se fora só através dele que Delgado conhecera os dois de Paris, se era ele quem mantinha as ligações com as pessoas influentes dentro de Portugal? ! Mas sigamos Delgado, que volta à Argélia, abafa as dúvidas de Guerreiro sobre a oportunidade de uma tal viagem (existem as cartas trocadas) e parte para a sua difícil viagem. A última. Em 9 de Fevereiro, Delgado está em Casablanca, com a secretária. Dorme no hotel Lausanne. A Cerqueira, que lhe manifesta as dúvidas dos homens de Paris, sobre a boa-fé de Mário de Carvalho, diz que aguarda um telegrama dele, de Roma, para partir para Espanha. O telegrama parte e chega, mas Mário de Carvalho parte de Roma e não chega a Badajoz. Ninguém sabe da renúncia in extremis do professor, que, de regresso a Ventimiglia, expede de Génova um telegrama para a sede marroquina do movimento, comunicando a sua decisão. Mas Delgado nunca receberá esse telegrama, já deixara Casablanca e, de Ceuta, embarcara para Algeciras e, no dia 10 de Fevereiro, parte para Badajoz. Delgado entra em Espanha com um passaporte, o mesmo que usava há meses, em nome do senhor Lorenzo Ibanez. Um passaporte de serviço argelino, verdadeiro. Só o nome era falso. Um passaporte que todas as Polícias da Europa conheciam, inclusive a espanhola.

— Como? !

— É verdade. A Espanha sabia que Delgado iria a Badajoz. O próprio Eduardo da Silva se dirigira ao coronel B., chefe do serviço de informações de Madrid, para obter a autorização de trânsito do general, dentro do território espanhol. Tratava-se de um programa, afirmou, de um encontro secreto com Delgado, que se lhe oferecia (no Outono seguinte realizar-se-iam eleições) a possibilidade de uma "recuperação", e as conversações seriam ao mais alto nível. Eduardo da Silva pedia discrição, a discrição a Espanha concedeu-lha, mas a "guarda civil" de Badajoz foi avisada para assinalar e verificar movimentos suspeitos, mas não para intervir. Este facto iria a ter a sua importância.

— Em 13 de Fevereiro, Delgado e a secretária estavam em Badajoz, no hotel Semancas.

— Sim. O encontro com Mário de Carvalho e o falso Castro e Sousa era para o meio-dia, em frente à catedral. Mas Mário de Carvalho não chegara, o encontro não se realiza, porque, em frente da igreja, Delgado não encontrou ninguém.

— E Castro e Sousa não se encontrava em Badajoz?

— Encontrava-se lá, sim, mas sem o Mário de Carvalho; hesitou durante algumas horas e foi quase já à noite que se encontrou com Delgado.

— Como é que ele entrara em Espanha?

— Pelo posto fronteiriço de Villanueva del Fresno, o mais próximo de Badajoz. Conhece a versão que se tornou oficial. Na manhã de 13 de Fevereiro, dois automóveis atravessaram a fronteira, um Opel Rekord e um Dauphine.

A bordo, encontravam-se quatro homens, e um dos quatro faz-se acompanhar pelo chefe da Polícia



O professor Mário de Carvalho, em Pomezia, perto de Roma. A magistratura italiana abriu, contra ele, um processo que o acusa de ter conscientemente empurrado Delgado para o trágico encontro com a polícia secreta portuguesa, em Badajoz. Também é acusado por uma parte dos juristas portugueses. Não nos foi possível averiguar até agora se o processo foi encerrado e, caso afirmativo, quais as respectivas conclusões

portuguesa e do posto fronteiriço, António Gonçalves Semedo, até à alfândega espanhola, e este explica que uma personalidade da Polícia de Angola pretendia passar o fim-de-semana em Sevilha, com os seus amigos. Pede aos espanhóis para fecharem os olhos. E os espanhóis fecharam-nos. Os nomes dos quatro homens eram conhecidos: Ernesto Castro e Sousa, ao volante de um dos carros, Félix Garcia Tavares, ao volante do outro, Roberto Vurríta Barral e Kundammal Milpuri. Nunca existiram, são nomes falsos, afirmaram depois os portugueses. É verdade, só que Castro e Sousa, como já vimos, era na realidade Eduardo da Silva, chefe da Polícia Secreta portuguesa.

— Em pessoa? Não poderia mandar um agente?

— O senhor é italiano, latino, portanto deve entender porquê. A honra de cumprir pessoalmente as operações importantes é irresistível. Honra, orgulho e a importância de poder dizer: ao Delgado apanhei eu, em pessoa... De qualquer modo, se o programa era o de matar Delgado, claro que Eduardo da Silva mandaria um dos seus sicários. Mas o programa era diferente: Delgado deveria ser levado para Portugal, para São Leonardo, junto da fronteira, para a casa de João Gião, responsável local pela segurança local, onde tudo estava a

postos para um interrogatório: qual o programa revolucionário com vista às eleições, quais os nomes e projectos da oposição de Paris, quais os nomes dos homens que serviam de ligação no interior de Portugal. Depois, talvez, Delgado seria eliminado ou lançado, muito em segredo, sem publicidade, numa cadeia. É evidente que se tratava de uma operação exigida pessoalmente por Salazar que, só em Delgado, o antigo amigo, via um homem capaz de o derrubar. Creio que o general seria silenciado, pelo menos fisicamente, mas o que é certo é que não deveria ser eliminado no território espanhol. A presença de Eduardo da Silva, demonstra-o.

— Mas existe alguma prova de que Eduardo da Silva, aliás Ernesto Castro e Sousa, foi nesse dia a Badajoz?

— A prova dou-lha eu, tinhamo-la nós, dos serviços secretos espanhóis. Na realidade, a versão oficial da passagem da fronteira não é exacta: não foi de facto um Dauphine que passou a fronteira, com o Opel, naquela manhã de 13 de Fevereiro, mas sim um BMW cinzento-metalizado, equipado com uma bela instalação de rádio-telefone. E foi precisamente esse rádio-telefone que provocou,

(Continua na pág. 62)

Como mataram Delgado

(Continuação da pág. 29)

apesar de indirectamente, a morte do general Delgado.

Disse já que a "guarda civil" fora avisada para manter os olhos, abertos. Bem, os agentes da região de Badajoz tomaram nota dos números de matrícula dos carros suspeitos, que circulavam na zona. Tomaram nota, entre outros, da matrícula de um BMW cinzento-metalizado. Informações do serviço secreto espanhol apuraram em seguida que esse carro português estava entregue ao tal Eduardo da Silva, isto é, ao chefe da Polícia Secreta portuguesa. Eduardo da Silva estava lá, naquele dia 13 de Fevereiro, com o seu automóvel.

— E os outros, quem eram?

— Tavares foi descoberto do mesmo modo, através da matrícula do automóvel: encontrava-se numa viagem de prazer, disse, e deu os nomes dos seus amigos. Falsos, claro. Eram todos agentes da P. I. D. E. Um deles tinha um passaporte paquistanês, da Commonwealth, passado em nome de Kundamnal Milpuri. O passaporte era verdadeiro. Esse Milpuri encontrava-se em Lisboa e pretendia prolongar a sua autorização de estadia, pelo que entregou o passaporte nos devidos serviços, que lhe entregaram, como é da praxe, uma placa de metal e lhe disseram para lá voltar três dias depois, para o levantar. Quando lá voltou, aceitaram-lhe a placa mas não lhe entregaram o passaporte, que fora utilizado pela P. I. D. E. para a operação Delgado. Milpuri dirigiu-se então à embaixada britânica, através da qual tivemos conhecimento de tudo o que se relacionava com o passaporte. Tínhamos, nessa altura, já na mão, diversas provas para apresentar à P. I. D. E. e exigir que Portugal libertasse a Espanha de toda a responsabilidade pela morte de Delgado.

— Morte à qual, na sua narração, ainda não chegámos...

— Depois do encontro falhado, Delgado voltou para o hotel. Eduardo da Silva vai ter com ele e, juntos, dirigem-se para uma hospedaria na periferia de Badajoz, onde chegam a pé, como que em passeio. Na zona encontravam-se outros agentes da P. I. D. E., pois viemos a saber mais tarde que tinham sido utilizados, nessa operação, doze pessoas. O assunto discutido na altura deve ter sido o da ausência de Mário de Carvalho, mas, evidentemente, decidiram que o mesmo deveria ter sido bloqueado por qualquer contratempo, talvez na fronteira espanhola: o programa, no entanto, deveria ser continuado, pois os "rebeldes" portugueses esperavam, junto da fronteira. Depois dessa reunião, o grupo, Delgado, a secretária, Eduardo da Silva e os outros, dirigiram-se para os automóveis.

Delgado embarca no automóvel de Eduardo da Silva, que parte em direcção da Villanueva del Fresno, vê o radiotelefone e percebe que foi enganado, pois só um polícia pode ter um radiotelefone no automóvel. Encontra-se ainda no território espanhol, tenta tudo por tudo, extrai a sua pequena 6,35 e fere um dos sicários; o outro, pela nossa reconstrução do caso, deve ter sido aquele que trazia o passaporte paquistanês, mas não estamos certos disso, bate-lhe violentamente na nuca com a coronha da sua própria pistola. O golpe produz a fractura de uma vértebra cervical e Delgado morre. Os peritos da polícia espanhola provariam, mais tarde, que o golpe fora desferido

com a coronha de uma pistola Astra, fabricada em Espanha, e em dotação à polícia portuguesa. A mecânica dos factos prova, mais uma vez, que o plano não era o de matar Delgado, mas sim o de o levar para Portugal. Porém, o general Humberto Delgado terminou a sua carreira no exílio, pouco fora de Badajoz, a caminho de Villanueva del Fresno. Um pouco mais adiante, do outro lado dos montes, estava o seu Portugal.

— E a secretária? E a descoberta de três corpos?

— Vivo, Delgado nunca mais viu Portugal. Mas morto, sim.

— Como?!

— Os agentes da P. I. D. E. viram-se de súbito com Delgado, morto, e com a secretária, testemunha viva. Decidem prosseguir o plano inicial. Na manhã de 14 de Fevereiro, os dois carros voltam a passar a fronteira. Como o previsto, nem os espanhóis nem os portugueses lhes impedem a passagem. Arajarir Campos, a secretária de Delgado, foi interrogada na casa de João Gião: pelo menos por três dias, sobrevive ao seu chefe. O relatório das autoridades fala em três a sete dias. Foi torturada, além do mais. O seu corpo e o de Delgado foram depois transportados novamente para Espanha e sepultados a três quilómetros da fronteira, numa zona de montanha, terra desolada, onde não vive ninguém. Foi um cão de caça de um rapazinho que farejou, mais de dois meses depois, os restos já delapidados pelos cães. A polícia encontraria um anel com as iniciais H. D., e o mundo saberia, em 24 de Abril, do fim de Humberto Delgado.

— Mas descobriam-se mais de três corpos. Três, foi o que se disse. Oficialmente, o terceiro era o de um contrabandista morto num ajuste de contas, mas foram poucos os que acreditaram nessa versão.

Os corpos descobertos foram quatro e não três. Um a poucos metros do de Delgado e da secretária, e um quarto mais lá para baixo, no vale, no leito do rio Guadiana. Este último, talvez, poderia ser o de um contrabandista ou de um clandestino que passara a fronteira e fora abatido pela polícia. Nessa zona, as passagens clandestinas são frequentes, e o quarto corpo nunca chegou a ser identificado. Mas o terceiro, sim: o seu nome foi o último elemento de prova com que nos apresentámos à polícia portuguesa. Esse terceiro homem "misterioso", cujo nome até hoje nunca foi revelado, era um cidadão holandês de nome Tuinman, ex-mercenário no Congo e noutros países africanos, que naquela época se encontrava a soldo dos serviços secretos do exército português. Os elementos foram fornecidos pela Interpol, a que tínhamos recorrido. Possivelmente, foi o homem atingido pela pistola de Delgado, morto em consequência do ferimento. A autópsia concluiu que deve ter morrido um dia ou dois depois do general. As coisas andavam umas com as outras.

— E os portugueses concordaram com esses factos?

— Fomos três, os que nos dirigimos a Lisboa. O chefe da segurança espanhola, coronel B., o seu vice, R. C., hoje chefe do "serviço de coordenação e organização" e eu próprio, que executara e coordenara os inquéritos em Paris, Roma, Argélia e Casablanca. Fomos recebidos pelo ministro do Interior português, e pelo chefe dos serviços

secretos da P. I. D. E., que outro não era que Eduardo da Silva. Apresentámos as provas, a viagem de Silva-Castro e Sousa a Paris, o trabalho de Mário de Carvalho, as matrículas dos automóveis que tinham passado a fronteira, o passaporte de Milpuri, a identificação, feita pela Interpol, de Tuinman, e tudo o resto. Eduardo da Silva tentou, de início, atirar as responsabilidades para os "centuriões", o serviço secreto do exército de que dependia o holandês Tuinman, mas depois foi obrigado a concordar, em grande parte, com a nossa versão. Em particular, reconheceu ter sido ele o falso advogado, Castro e Sousa. De qualquer modo, afirmou, Delgado não devia ter sido morto, não estava no programa. Portugal faria tudo o necessário para ilibar a Espanha.

— Gonzales-Mata, a história terminou. Mas uma coisa não é suficientemente clara: sobre Mário de Carvalho podem recair sérios indícios, foi quem organizou a viagem a Badajoz e a manter determinados contactos, mas não poderia, como declarou há cerca de um mês, ao "Europeo", ter sentido medo no último momento e não saber que a armadilha fora montada para Badajoz?

— Não, não podia. Mesmo se prescindirmos das suas contínuas declarações contraditórias ou falsas (a última, prestada precisamente ao "Europeo": explique-me como é que uma pessoa que declara ter um passaporte limitado para entre Lisboa-Roma pode deslocar-se a Paris ou à Argélia, onde eu o vi?), é preciso lembrarmo-nos que, logo após a morte de Delgado, Mário de Carvalho foi oficialmente reconhecido como correspondente do jornal português, "República". Não pelo director, mas pela embaixada portuguesa, em Roma. Aqui tem. Nessa época, segui pessoalmente os passos dados por Mário de Carvalho, e fui a Roma, onde descobri as ligações que ele mantinha com Portugal, por intermédio de gente que vive na vossa capital. São duas pessoas que vivem ainda em Itália.

— Senhor Gonzales-Mata, isto é assunto para o juiz Occorsio, não sei se já reparou...

— Perfeitamente. É precisamente isso o que pretendo, estou pronto a testemunhar. Veja, depois do caso Delgado, o serviço secreto espanhol "convindicou-me" a seguir o caso Khider, o ex-secretário-tesoureiro da Frente de Libertação Argelina, morto numa rua de Madrid, em 3 de Janeiro de 1967; em Maio de 1968, infiltré-me entre os estudantes franceses da Sorbonne, trabalhava como médico, por conta de Franco. A seguir, investiguei os antifranquistas em França e na Alemanha. Não podia mais. Exactamente há um ano, decidi escrever ao primeiro ministro espanhol, Luis Carrero Blanco, e ao presidente dominicano Joaquim Balaguer, para expor a minha situação, para pedir as provas do meu já velho, de nove anos, pedido de extradição. Mostro-lhe as cópias das cartas e os recibos de expedição. As cartas seguiram, mas ninguém fez nada. Quero voltar a São Domingos, Balaguer era vice-presidente, com Trujillo, conheço-o. Agora, tento com a imprensa, por isso, e por agora, falo no caso Delgado...

(c) L'EUROPEO/S. I."

Nota da Redacção:

(1) Há aqui equívoco do autor. O general Humberto Delgado foi, sim, representante de Portugal na I. C. A. O. (Organização Internacional da Aeronáutica Civil)

(2) É-nos impossível, por razões óbvias, verificar este testemunho. No entanto, recordamos ao leitor que o nome completo do director da extinta D. G. S. é Fernando Eduardo da Silva Pais